



TRABALHO DE CAMPO-RELATÓRIO

ROTEIRO G

Assentamento Santa Lúcia e Flor Roxa em Mirante do Paranapanema;
COCAMP – Teodoro Sampaio

COORDENADORAS:

RENATA CRISTIANE VALENCIANO
SONIA MARIA RIBEIRO DE SOUZA

Às 08:15 h, nós 36 participantes do Simpósio, grupo “G”, coordenados pela prof^a. Renata, partimos em ônibus da UNESP, rumo a atividade de campo prevista, quando fomos convidados a elaborar um relato da atividade. Eu, Ada Gislaïne Santos Quevedo, UFMS (CEUA), me propus a fazê-lo.

A caminho de Teodoro Sampaio, paramos para o embarque do Ivan e Didi, da direção do MST, que nos conduziram nos trabalhos. Por volta das 10:00 h, chegamos à COCAMP (Cooperativa Comercialização e Prestação de Serviços dos Assentados de Reforma Agrária do Pontal), projetada para ser modelo e composta de três unidades, sendo, uma de silos p/grãos, outra de laticínios e uma despoldadeira (foto 1).

VISTA AÉREA DA COCAMP



Fonte: Ada Gislaïne Quevedo, 13.11.2005 (fotografado de quadro do escritório da COCAMP)

Ivan começa nos contar da história da construção da cooperativa, ele diz: “é a história de um sonho... Em 1992 / 93, 1900 famílias montaram acampamento em União da Vitória, aliás, tudo isso está registrado no livro do Bernardo – Ocupação da Fazenda São Bento. A gente ficava lado de lá, lado de cá... aqui ele se refere as mais de vinte ocupações até se consolidar o assentamento na São Bento... Enquanto isso as idéias, o sonho da *patrulha agrícola*, para quando formos assentados dominar o campo (mecanizar com tecnologia de ponta). A cooperativa foi viabilizada, a princípio, através de 50 (cinquenta) tratores, custeados pelo PROCERA que foram muito úteis, e segundo a Tânia do ITESP, foram usados como tanques de guerra.

O que nós pensávamos? Ser donos dos meios de produção. Nós tentamos construir a farinheira com recurso do PRONAF. O leite e a mandioca... O leite a renda mensal, a mandioca porque é um cultivo menos exigente, já que o solo é fraco. Aí tivemos problemas jurídicos com a feccularia. Criaram um corpo técnico para pensar como desenvolver a região.

Veio o Projeto Fruticultura com verticalização da produção para ter produção o ano inteiro. Vamos então, industrializar a fruta, utilizando a despulpadeira dentro do projeto. O mesmo com o leite, transformando-o. Também com os cereais, armazenados nos silos. Porém, todo o investimento ficou complicado. O pessoal assustou com o crescimento dos assentados. Na medida em que os trabalhadores se tornavam donos dos meios de produção. Forças locais, como a UDR, o judiciário, os fazendeiros, governo federal, se opuseram ao pedágio do MST, alegando que era desvio de finalidade de investimento”. Quando começou, em 1991 eram mil famílias associadas e de lá para cá, seis mil famílias. Embora parada a cooperativa sempre viabilizou renegociação para os créditos dos assentados. O custo da manutenção é muito alto. Tem guarda, energia, totalizando aproximadamente R\$ 5.000,00 (cinco mil reais). Segundo Ivan, devido a inoperância da COCAMP os assentados estão escravos do laticínio. E a agora com a nova norma de resfriamento do leite, o equipamento da cooperativa está defasado.

A diretoria da COCAMP, constituída por colegiado com os representantes dos núcleos, junto com a direção do MST, tem discutido possibilidades para o funcionamento da cooperativa. Visto que as máquinas paradas se deterioram, gerando prejuízos. E ainda, neste ano, um vendaval descobriu por inteiro uma das unidades, deixando os equipamentos totalmente expostos (foto 2).

BARRACÃO DA UNIDADE DESPOLPADEIRA DESTELHADO PELO VENDAVAL



Fonte: Ada Gislaïne Quevedo, 13.11.2005

Nesta perspectiva há três possibilidades vislumbradas para o funcionamento da COCAMP. São elas:

1. Um projeto do Bispo da Diocese de Presidente Prudente, para viabilizar o término e alguns reparos nas unidades, através de recurso vindo do País Basco;
2. Convênio para o arrendamento dos Silos de cereais para a CONAB;
3. Buscar parceria para viabilizar a unidade do laticínio.

O Ivan reconhece algumas dificuldades para otimizar o assentamento ao mesmo tempo que apresenta alternativas:

- Com relação ao cultivo da mandioca, quando começou o preço estava em alta R\$ 260,00 a ton. Atualmente, o preço caiu para R\$ 60,00 ton, dificultando a tal ponto que tem agricultor que prefere usá-la como ração para os animais. Acrescenta, que a cada três anos, ocorrem essas oscilações de preços.

Conclui que um caminho para solução são as pequenas estruturas. Lembrou ainda que o ITESP, já oportunizou aos assentados cursos sobre derivados da mandioca.

- A cultura dos assentados dificulta o cultivo de produtos básicos de subsistência, devido à heterogeneidade quanto a origem. E também ao fato de muitos serem oriundos de lavouras monocultoras. Nesse sentido estão se desenvolvendo os projetos Sementes Crioulas, Hortas e Plantas Medicinais, Ciranda Infantil que visa envolver as crianças para que as mulheres atuem nos projetos, Eco Buchas e da Piscicultura considerando o recurso de água, abundante na região.

- A linha do governo para a região atende mais o agro negócio, o cultivo da soja e da cana. Os assentados pensam na diversificação da cultura.

- Dificuldade em consenso entre os prefeitos, numa política adequada para os assentamentos da região. Uns propõe o sistema Voisan e outros irrigação. Se tiver uma união nas ações públicas melhora o desempenho. Destaca a atuação dos funcionários do ITESP, no sentido de ajudar.

- Houve um tempo que a região era como uma “panela de pressão”, no entanto, hoje a pressão não surte efeito. Na verdade entramos na contradição do governo federal. Logo que o Pres. Lula foi eleito, pelos acordos feitos, a gente ficou preocupado. Porém entendeu que era necessário e que ia mudar. Não se está vendo a fome do nordeste, e se ouve dizer que tem recursos destinados para os assentamentos. Mas, os recursos não chegam... É necessário fazer um PRA (programa de recuperação de assentamentos), para viabilizar os recursos.

- O Banco do Brasil não foi criado para atender o pequeno produtor rural e fazem de tudo para dificultar o acesso dos assentados aos recursos. Principalmente pela excessiva burocracia, cada vez falta um documento. Inclusive em Brasília, um representante do BB, passou o telefone, linha direta para reclamações/denúncias junto a ouvidoria.

- Quanto a produtividade do leite que é muito baixa. O ITESP levantou em pesquisa que a média por vaca é de 3,0 e 3,5 litros. Isso se explica pelo solo empobrecido, que produz pastos com baixo valor nutricional. E a limitação dos assentados em renovar as pastagens, que são heranças do latifúndio.

- Outra herança pesada do latifúndio é a ausência de área florestada, para reserva legal. Há uma resistência dos assentados em custear a manutenção de reflorestamentos feitos por ONGs, visto que não se sentem na obrigação de recuperar uma área que não foi degradada por eles. Por outro lado, há um projeto do ITESP, que é o SAF (Sistema Agro Florestal), que dá assessoria técnica aos assentados.

Depois da visita da COCAMP, almoçamos e nos dirigimos por volta da 13:30h, ao Assentamento Che Guevara, no município de Teodoro Sampaio, formado por 46 famílias, sendo que 14 delas moram

na agrovila e as demais nos lotes. Conhecemos a Associação, onde se desenvolvem alguns dos projetos mencionados anteriormente. Também a Escola, que por sinal estava com atividades educativas no domingo. Fomos recebidos, por uma liderança feminina, da Sra. Andréa (foto 3), que nos relatou das lutas e conquistas do assentamento e detalhou aspectos dos projetos Ciranda, Semente Crioula e Plantas Medicinais. Destacou a dificuldade das assentadas se deslocarem entre os assentamentos para viabilizar alguns projetos, uma vez que não tem transporte coletivo. Contou-nos da dificuldade para trazer a 7ª série, e, relatou com satisfação da inclusão de vários assentados em universidades como, Administração, Medicina em Cuba, Veterinária na Argentina, Geografia na Unesp e Pedagogia em vários lugares do país. Bem como do compromisso destes assentados após formados retornarem para o campo.

ASSOCIAÇÃO DO ASSENT. CHE GUEVARA – ANDRÉA (centro)



Fonte: Ada Gislaïne Quevedo, 13.11.2005

A caminho do acampamento São Bento, visualizamos o CECAS - Centro Cultural dos Assentamentos, onde existe infra-estrutura que permite desenvolver atividades culturais, religiosas, esportivas, além de vários projetos.

Chegamos no Assentamento São Bento, na sede da antiga Fazenda São Bento, onde conhecemos a liderança do Chico, que nos contou do porque conservaram o nome da fazenda para o

assentamento. “Já que o Santo é de todo o mundo”. Cabe destacar a costumeira hospitalidade do homem do campo. Logo ao chegarmos já queria nos servir um suco de acerola... O Ivan pede para o Chico nos contar rapidamente, um pouco da história desta conquista. Ele diz: “tudo começou em março de 1991, sendo esta a 1ª área ocupada pelo movimento na região. Foram 22 (vinte duas) ocupações e 22 ações de despejos. Até que em 1995 houve o assentamento provisório e em 1997 o definitivo. Felizmente, nessa área não teve mortes, sempre trabalhamos com o discurso da terra socializada. Nunca instigamos os assentados a entrar em choque com as autoridades. Porém, violência da parte fazendeiros, isto sim. Na São Domingos, tivemos companheiros baleados”.

Atualmente são 36 assentamentos em Mirante do Paranapanema, com 3.600 famílias assentadas. Segundo o Chico, essas famílias aproximadamente 10% dessas famílias são da região e os demais são migrantes do Paraná e de outros estados, muitos são antigos bóia-fria, outros sobrantes de grandes obras como hidrelétricas (barragens). Contou-nos das dificuldades iniciais de sobrevivência no assentamento, quando o governo subsidiou-os com cestas básicas e crédito de fomento para desenvolver a pecuária leiteira. Outro aspecto que garantiu a permanência das famílias nos assentamentos, foi o trabalho de algum dos membros na cidade. Ao ser questionado sobre a luta, se valeu a pena e faria tudo de novo, Chico responde: “olha eu faria. Nós lutamos contra um projeto que está aí na sociedade brasileira, o projeto neo-liberal, que deixa muita gente de fora. Então, vale a pena mesmo com tantas dificuldades de produzir... Tem toda uma política voltada para o grande... precisa perceber porque está ruim... as políticas privilegiam os cultivos de exportação. Como aconteceu com os nossos pomares de laranja, que foram dizimados com a justificativa de eliminar o cancro cítrico e agora os assentados não produzem mais o cítrico”. Bem, lamentamos não poder continuar bebendo dessa fonte, devido o adiantado da hora, nos despedimos ...

E seguimos rumo ao Assentamento Municipal Flor Roxa, também no município de Mirante do Paranapanema, cuja formação difere dos assentamentos do movimento, por terem sido organizados pela esfera municipal, com o discurso de garantir o acesso dos moradores locais. Área total do assentamento de aproximadamente 750 hect, com 39 famílias, cujos lotes variam de 18 a 20 hect . Visitamos a propriedade do Sr. Napoleão, antigo funcionário da fazenda Santa Rita, que permaneceu no espaço onde trabalhava, tendo privilégio de conservar a estrutura do manejo do gado (mangueiro, reservatório, cerca elétrica...). Nesta propriedade visitamos uma área de experimento do projeto SAF, do ITESP. O sr. Napoleão avalia positivamente sua mudança da condição de empregado assalariado para assentado, “hoje ta mais vantagem, a liberdade é outra”.

Por volta das 17:30 h, visitamos neste mesmo assentamento a antiga sede da Fazenda Santa Rita, onde funciona a APAMP – Associação dos Pequenos Agricultores do Mirante do Paranapanema). Lá

fomos recebidos pelo Sr. José Vieira, presidente da associação, que contou-nos parte da história da ocupação da terra, onde inicialmente foi ocupado pelo MST e posteriormente pelo pessoal da região com apoio da prefeitura de Mirante. Foram 2 anos de acampamento, cientes de que era terra devoluta, negociamos tendo alguns embates com o antigo proprietário. Após a posse da terra, formou-se a associação que viabilizou financiamento para gado de leite. Hoje a associação já está adequada as normas de sanidade. Dispõe de resfriador do leite, e cada assentado produz uma média de 30 a 35 litros por dia. Na avaliação do Sr. José Vieira: “hoje a única saída é o campo, como alternativa para as favelas”.

Retornamos a Unesp, por volta das 20:00h e realizamos o colóquio no dia seguinte, 14.11.2005, como estava previsto. Nessa ocasião, discutimos as diferenças e dificuldades de cada realidade, os do MST e os do município. E o que fica, para nós participantes do simpósio, é a lição de resistência baseada na organização da sociedade, bem como a importância do trabalho de campo, que possibilita essa leitura da prática do movimento social pela terra.